



# Pessoas eternizadas por lugares

O **Correio** percorreu alguns dos pontos mais famosos da cidade a fim de investigar se os frequentadores conhecem, de fato, quem são aqueles que dão nome aos locais



» NAUM GILÓ

Parques, palácios, monumentos e até o zoológico de Brasília receberam o nome de pessoas que fizeram parte da história da cidade ou da República. São personalidades que, por diferentes motivos, deixaram suas marcas seja por feitos que beneficiaram a sociedade, atos heróicos ou fatos trágicos que chocaram o Distrito Federal. O **Correio** passou por alguns desses pontos emblemáticos de Brasília e buscou saber o que os frequentadores conheciam sobre as pessoas que nomeiam esses lugares.

Frequentado majoritariamente por crianças, o Parque Ana Lúcia tem o famoso foguetinho, onde meninos e meninas aproveitam para brincar sob os olhares vigilantes de pais e cuidadores. O que pouca gente sabe é que o nome do parque é uma homenagem a outra criança, cuja história consternou a sociedade brasileira em 1972. Em 12 setembro daquele ano, o corpo de Ana Lúcia Braga, de apenas 7 anos, foi encontrado nas proximidades do

câmpus da Universidade de Brasília (UnB), com marcas de violências, inclusive sexual.

Pessoas de outras faixas etárias também aproveitam o espaço para sentar em um dos banquinhos e ter um momento de tranquilidade em meio à arborização do parque. A estudante de licenciatura em dança Hanna Pedrico, 24, estava acompanhada das amigas em um dos pontos do parque. Ela não soube dizer quem foi a garota que deu nome ao parque. Ao ouvir a história da menina assassinada há 50 anos, a goiana ficou primeiramente chocada e depois comovida com a homenagem prestada pelos brasilienses à menina. “Pelo fato de tanta gente ter se comovido com a situação, criou-se uma forma de confortar a família e mostrar que ainda existe empatia no mundo”, comentou Hanna, que mora em Brasília há 10 anos.

O monumento semiesférico ao lado da Biblioteca Nacional é o Museu Nacional Honestino Guimarães, nome que remete ao período mais sombrio da história recente do Brasil. Honestino foi aluno de geologia da UnB durante os anos 1960. O estudante

Ilton, a esposa, Claudia, e a neta Helena no Zoológico de Brasília Sargento Delmar Hollenbach



foi presidente da Federação dos Estudantes Universitários de Brasília (Feub) e, mais tarde, da União Nacional dos Estudantes (UNE), tornando-se alvo recorrente do aparelho repressor da ditadura militar instalado no poder. Uma das seis prisões de Honestino ocorreu quando o estudante

articulou a expulsão de um falso professor da universidade. Na última, quando estava à frente da UNE, foi dado como desaparecido. O reconhecimento de sua morte veio mais de duas décadas depois, quando a família recebeu um atestado de óbito do jovem.

O Museu Nacional Honestino

Guimarães forma com os demais monumentos da região central de Brasília o Complexo da República e é um dos principais destinos turísticos da capital. Um desses visitantes é Maíke Santos, 28, de Rio Preto, interior de São Paulo. Ele nunca havia ouvido falar do jovem estudante assassinado pelo Estado. Sobre a homenagem a Honestino, Maíke foi categórico: “É o mínimo, apesar de que nada vá reparar o que o Estado fez”.

“Morreu, ontem, no Hospital das Forças Armadas, o sargento do Exército Sílvio Delmar Hollenbach, que o sentimento da população de Brasília logo identificou como mártir de seu heroísmo”, assim iniciou a notícia do **Correio Braziliense** publicada em 31 de agosto de 1977. A matéria se referia ao homem que concede o nome ao Jardim Zoológico de Brasília. Em um ato heroico, o sargento se atirou no poço das aranhas para salvar o pequeno Adilson Florêncio da Costa, que escapou com vida. Já Sílvio, que teve o corpo mutilado pelos animais, não resistiu aos ferimentos.

Acompanhado pela esposa e

pela neta, a pequena Helena, em passeio pelo local, Ilton da Silva Oliveira, 50, servidor da Secretaria de Educação do DF, achou muito válida a homenagem. “Foi uma pessoa que se esforçou para salvar uma pessoa que ele não conhecia, independentemente da profissão que ele exercia à época, e, infelizmente, veio a óbito. É uma homenagem muito merecida”, afirmou o servidor.

## Palácio Nereu Ramos

É sabido que o Congresso Nacional — um dos edifícios mais simbólicos do país — é a casa do povo brasileiro. O que poucos sabem é que ele leva o nome de um político que faleceu antes mesmo da nova capital ser fundada. O catarinense Nereu Ramos teve uma vasta experiência na política nacional. Começou como deputado estadual na terra natal, onde também foi governador. Foi deputado federal, senador e participou da elaboração de duas constituições: as de 1934 e 1946. Chegou a tomar posse como presidente da República entre 1955 e 1956. Em 1958, morreu em um acidente aéreo.

## COPA 2022

# Paixão pelo futebol que une famílias

Grupos de diversas faixas etárias se reúnem na Banca do Brito, na 106 Norte, para completar o álbum da Copa. O momento de trocas e negociações é vivido pelas crianças com seriedade, avaliando as figurinhas raras e obedecendo a regras que a própria meninada estabelece para o câmbio. As brilhosas devem ser trocadas por brilhosas ou por três figurinhas comuns, enquanto as “legends” geralmente são ofertadas por outros selos do mesmo valor de raridade.

Quem aproveitou o ponto de encontro na tarde de domingo

foi João Henrique, de 11 anos, acompanhado da mãe, Fabiana Cabral, de 43 anos, servidora pública e moradora do Noroeste. “Está sendo bem legal. Esse é o segundo álbum que eu faço, o primeiro foi na outra Copa. É trabalhoso (a negociação), mas tá andando”, contou João, que acrescentou, entusiasmado: “faltam 147 figurinhas para completar”. A mãe do menino diz que a experiência é gratificante. “Acaba sendo desenvolvido um vínculo forte entre os participam. E isso ajuda as crianças a terem autonomia, resolverem os próprios

problemas”, avalia.

Com o filho Felipe, de 6 anos e servidora pública, moradora da Asa Sul, se protegeu na sombra de um dos prédios enquanto os dois colavam as figurinhas adquiridas no dia. O esposo de Marianna era o responsável por ir a campo para encontrar as que faltavam para completar a coleção. Marianna destacou que é a primeira experiência da família com a troca de figurinhas e que se surpreendeu com o movimento intenso dos entusiastas.

A Banca do Brito tem um

histórico de mais de 30 anos na 106 Norte. A iniciativa começou com uma brincadeira, ainda em 1998, organizada por José Gonçalves Brito, de 58 anos, para ajudar os próprios filhos a completar seus álbuns. Hoje, é uma tradição que reúne famílias de brasilienses de várias regiões da capital. “É um evento totalmente familiar, vem muitos avós com os netos, os pais com os filhos, amigos, todos para comprar e trocar figurinhas. É um momento muito especial do ano. Ao todo, por fim de semana, recebemos entre 2 mil e 2,5 mil pessoas”, conta José.



Felipe e os pais passaram a tarde de domingo em busca de figurinhas